

(Transcrição)

Rocca di Papa, 7 de dezembro de 1971

Chiara às focolarinas e aos focolarinos italianos:

"Jesus Abandonado" (I Parte)

(...)

Narro um momento da nossa história.

O primeiro focolare ainda não existia. Eu ainda não conhecia a primeira das minhas companheiras. Eu era professora. Um dia, no pátio da escola, aproximou-se de mim uma pessoa muito engajada: era dirigente de um grupo de jovens que, com encontros recreativos, músicas e histórias, conseguiu despertar em alguns o interesse pela religião. Perguntou-me se eu poderia lhes dar uma palestra. Aceitei. "Sobre o que você vai falar?", perguntou-me. "Sobre o amor", respondi. "E o que é o amor?", prosseguiu com curiosidade. "Jesus Crucificado", respondi. Provavelmente, foi a primeira vez que, na minha vida de futura focolarina, falei sobre Ele.

(...)

Temos a demonstração de que o Crucificado manifestou-se bem cedo às primeiras focolarinas como modelo que deviam imitar em suas vidas, para concretizar o amor a Deus, numa carta, provavelmente de 1944.

«Mando-lhes um pensamento que sintetiza toda a nossa vida espiritual: Jesus Crucificado!

Isso é tudo.

É o livro dos livros.

É a síntese de todo o saber.

É o amor mais ardente.

É o modelo perfeito.

Que Ele seja o único Ideal da nossa vida.

Foi Ele quem levou São Paulo à tamanha santidade...

Que a nossa alma, necessitado de amar, coloque-o sempre diante de si, em cada momento presente!

Que o nosso amor não seja sentimentalismo, nem compaixão externa, mas esteja em conformidade com Ele!»

Quase simultaneamente vemos que, ao lado do adjetivo "Crucificado", acrescentou-se outro: "Abandonado". (...)

Um sacerdote nos disse que o momento em que Jesus mais sofreu foi quando, pregado na cruz, gritou: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» (Mt 27, 46; Mc 15, 34). Naquela época, era maia comum que os cristãos pensassem que Jesus sofreu mais no Getsêmani; porém nós, tendo uma grande fé nas palavras do sacerdote, acreditamos que o sofrimento do abandono foi o maior. O famoso

exegeta Lagrange o confirma explicitamente: «Foi uma desolação mais completa do que a do Getsêmani, porque Jesus já não diz: "Meu Pai", mas "Meu Deus" (Eloi, Eloi)».

O encontro com aquele sacerdote foi uma circunstância externa que se apresenta a nós. Todavia, revendo a nossa história, era também a resposta de Deus a um nosso pedido.

Fascinadas pela beleza do seu Testamento, todas unidas, nós, as primeiras focolarinas, havíamos pedido a Jesus, em seu nome, que nos ensinasse a realizar a unidade (pela qual havia rezado ao Pai antes de morrer) tal como Ele a concebia.

E nesses anos o Movimento aprendeu, experimentou que é justamente o amor a Jesus Crucificado e Abandonado que nos permite realizar essa unidade. (...)

O sofrimento do abandono de Jesus por parte do Pai, mistério do amor de Jesus pelos homens, tão intenso, tão agudo, começava a penetrar em nós, a revelar-se um pouco, a deixar-se amar, a atrair-nos.

Era belo esse Homem-Deus reduzido por amor a um trapo, à vergonha, ao "nada" (nas palavras do salmista: "*Ad nihilum redactus sum...*", estou reduzido a nada), expulso da Terra e do Céu, para nos introduzir no Reino, co-herdeiros com Ele, plenos de sua luz, de seu amor, de sua potência, repletos de dignidade, elevados à máxima altura.

Ele tinha dado tudo: uma vida ao lado de Maria nas privações, na obediência. Três anos de pregação, revelando a Verdade, testemunhando o Pai, prometendo o Espírito Santo e fazendo todo o tipo de boas obras: milagres de amor.

Três horas na cruz, de onde perdoou os algozes, abriu o Paraíso ao ladrão, doou-nos a sua Mãe e, finalmente, o seu Corpo e o seu Sangue, depois de tê-lo dado a nós misticamente na Eucaristia. Restava-lhe a divindade.

A sua união com o Pai, a dulcíssima e inefável união com Ele, que o fazia tão poderoso na Terra, como filho de Deus, e um rei na cruz, esse sentimento da presença de Deus devia descer ao fundo da sua alma e não ser mais perceptível, separando-o, de certa forma, do Pai, com quem afirmou ser uma coisa só: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10, 30). Nele o amor tinha se extinguido; a luz, apagado; a sabedoria, estava em silêncio.

“Aquele 'Logos' - diz von Balthasar -, no qual tudo o que há no Céu e na Terra se concentra e possui a sua verdade, mergulha na escuridão, (...) na privação de qualquer relacionamento com o Pai, o único que sustém toda a verdade; e, por isso, cai num ocultamento que é exatamente o oposto da revelação da verdade do ser (o Pai).

(...) A ânfora da Palavra está vazia, porque, no Céu, a fonte está lacrada, a boca que fala, o Pai. O Pai se retraiu. E as palavras do abandono, gritadas na escuridão, são como água parada. (...) O modo interrogativo passou a ser o seu único modo de falar.(...)

O grito forte: é a palavra que não é mais palavra; por isso, não poderá ser entendida nem explicada como palavra. É a realidade (...) 'indizível' (...), que ultrapassa infinitamente aquilo que pode ser expresso com palavras articuladas no mundo criado. (...) É subpalavra (...) aquilo que é escolhido pela potência do Céu (...) para se tornar portador da sobre-palavra eterna. (...)

O grito inarticulado de Jesus na cruz não significa que Ele renegou o que proclamou aos discípulos e ao povo (...), mas é o fim de todos aqueles anúncios (...), e (...), com a força máxima, fala ali, onde não é mais possível dizer nada de articulado."¹

É bonito o que dizem os teólogos!

Ele havia se comprometido com os homens; fez-se pecado com os pecadores; assinou uma promissória de um valor infinito, que só Ele era capaz de pagar. Jesus a pagava por nós. Para nos tornar filhos de Deus, privava-se do sentimento de ser, Ele, o Filho de Deus. Agora o Pai permitia essa escuridão e aridez infinita da alma, esse nada infinito. (...)

Portanto, reduziu-se a nada para nos fazer participar do Tudo; verme² da terra para nos transformar em filhos de Deus. Estávamos separados do Pai. Era necessário que o Filho, em quem todos nós estávamos representados, sentisse a separação do Pai. Ele devia experimentar o abandono de Deus, para que nunca mais nós fôssemos abandonados. Ele ensinou que ninguém tem maior caridade do que aquele que dá a vida pelos seus amigos. Ele, a Vida, dava tudo de si mesmo. Era o ponto culminante, a mais bela expressão do amor. Amava como Deus! Com um amor grande como é Deus.

E era belo, belo, belo, esse divino Amor de nossas almas!

Fascinava-nos, provavelmente enamorava-nos, porque, desde o início, começamos a vê-lo em toda a parte. Ele se apresentava com os mais diferentes semblantes em todos os aspectos dolorosos da vida, que nada mais eram senão Ele; eram somente Ele; eram, embora sempre novos, unicamente Ele! (aplausos)

¹ HANS URS VON BALTHASAR, *Il tutto nel frammento*, Milão 1990, pág. 249;

² Salmo 21, 7: "Eu, porém, sou um verme e não um homem".